

# O digital e as novas formas de, e para, aprender

Gouveia L.B. <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal

**Resumo.** O digital assume-se como o máximo representante do potencial que advém do uso de computadores e redes. Em todos os sectores da nossa sociedade, dita de Informação e Conhecimento, a presença de computadores e redes é já uma constante. Desta forma, o ensino superior é também ele tomado por uma novo modo de representar e lidar com a realidade que urge refletir. A adopção de práticas baseadas ou influenciadas pelo digital afecta a forma como o indivíduo se apercebe do tempo e do espaço. Assim, também a aprendizagem e o próprio conhecimento são influenciados, afectando dessa forma dois dos aspectos mais essenciais da universidade.

## 1 Resumo alargado

O interessante do digital, neste contexto, é a oportunidade de colocar em aberto, as práticas habituais e estabelecidas no ensino superior. Tal efeito começa mesmo pela forma como o digital muda a equação do memorizar para aprender (no analógico), para esquecer para aprender (no digital) [1]. Verifica-se que o leque de competências do indivíduo é também objecto de uma revisão profunda, no sentido em que além dos clássicos saber fazer e saber estar, é agora necessário lidar com o excesso de informação (análise crítica) e saber compreender [2]. Curiosamente, a digitalização envolve inevitavelmente a perda de informação, em contraste com a representação analógica, uma vez que contém uma quantidade fixa de informação [1]. Curiosamente, este potencial defeito é uma virtude óbvia quando confrontados com a necessidade de sobrevivermos enquanto indivíduos num mundo onde o excesso de informação impera [3]

Tomando aspectos básicos do espaço e do tempo, da sua reformulação e das relações entre alunos e destes com os professores, a universidade tem de se reinventar [4]. Para as diferentes actividades de ensino, formação e treino que potencialmente propõe, a evolução e crescente uso de tecnologias de informação e comunicação possibilitaram até ao momento, mais do que pequenos incrementos ou inovações pontuais, a forte consciência da necessidade de rupturas [5]. Até ao momento, grande parte dos esforços no uso dos computadores e redes tem sido desenvolvidos para estender práticas já seculares com nenhuma ou pouca inovação [6]. Em aspectos tão básicos como a relação entre quem aprende e quem ensina, a universidade propõe um modelo face a face, que é basicamente o mesmo e secular, algo que o digital pode agora questionar [7].

Face às transformações emergentes das Sociedade da Informação e do Conhecimento, a universidade encontra-se agora perante a sua própria necessidade de se reinventar, sem no

entanto colocar em causa o seu papel de casa do conhecimento, das ideias e da coexistência de diferentes sensibilidades e perspectivas face ao conhecimento [8].

Em especial, o ensino superior terá ele próprio de ter capacidade de se abrir ao exterior, de funcionar em rede, de criar centros de competências, mas também de demonstração e de assumir como até o tem feito, um papel de bastião do conhecimento e de defesa dos aspectos culturais locais, tais como a história, a língua e os costumes, mas também as diferentes abordagens e alternativas para observar a realidade, nomeadamente na prestação de serviços de formação massiva da humanidade e, mesmo assim de assegurar a existência de um número mínimo de indivíduos que assegurem a reproductibilidade do próprio conhecimento.

A pressão da globalização, o efeito da competitividade a uma escala, senão global, Europeia, por efeito de Bolonha e pelos fenómenos que se desenham face à Sociedade da Informação e do Conhecimento, leva a pressões muito significativas para a criação de redes de valor, estabelecimento de marcas de ensino superior transnacionais e para o conceito de um cliente universitário que inclui questões de atractibilidade semelhantes às do sector de turismo, mas com preocupações de desenvolvimento de competências e criação de qualificações/produto. Tal pode ser questionado ou discutido, mas tem de ser considerado [8]. Deste “caldo” competitivo, verifica-se que mais do que nunca, se assiste a um potencial de modificação da instituição universidade quer nos seus aspectos organizacionais (organização altamente hierarquizada), nos seus ciclos de evolução (que filtram as modas do que é conhecimento) e dos seus espaços físicos que se reinventam face ao digital. Adicionalmente, as próprias funções da universidade encontram concorrência noutras organizações como as empresas, mais orientadas para fins e interesses específicos do que para o avanço do conhecimento.

O digital propõe assim tal e qual acontece com as novas formas de trabalho, um conjunto de variantes para o cliente/aprendiz/estudante do ensino superior que importa discutir e tomar em linha de conta para o desenvolvimento de estratégias sustentadas de preservação do papel da universidade como reserva de conhecimento estratégica de uma região.

O autor defende, que mesmo num mundo orientado para práticas crescentemente digitais, o território, a região e os seus valores são essenciais para um desenvolvimento sustentável da civilização, uma vez que ajuda a preservar um património de indiscutível valor: a diversidade cultural e científica da humanidade.

## References

1. Manovich, Lev: *The Language of New Media*. The MIT Press. (2001).
2. Gouveia, Luis. (2002). Emergent skills in higher education: from know-how to know-where, know-who, know-what, know-when and know-why. *Virtual Learning & Higher Education*. 1st International Conference. Mainsfield College. Oxford, England, 10-11 September.
3. Wurman, R. S.: *Information Anxiety 2*. QUE (2000)
4. Gouveia, Luís. (1999). On Education, Learning and Training: bring windows where just walls exist. *Revista da UFP* nº3, Vol. 3, pp 223-228. Edições Universidade Fernando Pessoa. Porto, Maio. ISSN 0873-8181.

5. Gouveia, Luís. (1998). Group assessment: alternative forms to evaluate student skills *Revista da UFP nº2*, Vol. 2, pp 519-526. Edições Universidade Fernando Pessoa. Porto, Maio. ISSN 0873-8181.
6. Gouveia, Luis. (1999). Digital support for teachers teaching. Current experience on using Internet facilities in virtual university environments. *Educational Media International. Journal of ICEM*, Vol. 36, nº1, March. Routledge, pp 19-31. ISSN 0952-3987.
7. Gouveia, Luis (2002). Is there any room for face-to-face teaching in a digital world? A proposed framework for web usage. *Educational Media International. Journal of ICEM*, Routledge. Vol 38, n 4, pp 299-305. December 2001. ISSN 0952-3987.
8. Preston, D. S. *The Ethical British University and the Information Society: how will it come.* Gouveia, L. and Gaio, S. (2004). *Readings in Information Society*. University Fernando Pessoa Press. March. ISBN 972-8830-14-9, pp 143-184.